

Hospital acaba com fila da morte

Arquivo

Médicos da rede pública de saúde fazem último Mutirão da Vida para realizar as cirurgias em pacientes em estado grave

Medida atinge a meta de atender as milhares de pessoas que aguardavam há mais de um ano para serem operadas

NELZA CRISTINA

Foram três meses de trabalho intenso nos finais de semana, fora dos plantões regulares, mas o esforço valeu à pena. Neste final de semana será realizado, nos hospitais da rede pública, o último Mutirão da Vida, para acabar de vez com a chamada "fila da morte", denunciada em janeiro último pelo **Jornal de Brasília**.

Os números ainda não estão fechados — um balanço oficial só será divulgado na próxima terça-feira —, mas o diretor-executivo da Fundação Hospitalar, Rafael Barbosa, acredita que tenha sido alcançado o objetivo de realizar as 4.061 cirurgias pendentes. Entre os pacientes, casos graves, como vários tipos de câncer, problemas cardíacos e outros que aguardaram, muitas vezes, mais de um ano por uma oportunidade.

Até fevereiro, quando começou o mutirão, os médicos conviviam com um terrível dilema: escolher entre inúmeros casos graves e dolorosos aqueles que seriam operados. Os pacientes emergenciais tinham prioridade e, com isso, a fila de espera por uma cirurgia aumentava a cada dia. No auge da crise, em janeiro, Barbosa definiu a situação: "Temos que decidir todos os dias quem salvar e quem não salvar". Conceitos como urgência e emergência tiveram que ser alterados e adaptados à dura realidade.

Sem solução

A falta de anestesistas, um dos principais motivos da for-

mação da fila da morte, ainda não foi resolvida. Com disponibilidade para contratar temporariamente 12 profissionais da área, a Fundação Hospitalar conseguiu preencher apenas cinco vagas. Mesmo assim, Rafael Barbosa está confiante de que, a partir de agora, será possível manter a situação sob controle. "Agora, que a lista está enxuta, vamos entrar na rotina normal", acredita.

Segundo ele, hoje, os pacientes com câncer de próstata, por exemplo, dificilmente precisam esperar mais do que um mês para serem operados. Ele lembra, contudo, que fila sempre vai existir, "pois a partir do momento em que o paciente dá entrada em um hospital, ele entra em uma lista, mas nossa intenção é de que a espera, agora, fique em torno de um mês, dois, no máximo".

A partir do balanço que será fechado na terça-feira, os responsáveis pela área de saúde vão decidir se será necessário montar uma programação específica ou realizar outro mutirão. Alguns hospitais, como Brazlândia e Planaltina, já zeram a lista.

Neste final de semana, no Hospital de Base e Hospitais Regionais da Asa Norte, Taguatinga e Ceilândia, além do Materno-Infantil, cirurgiões e equipes de enfermagem darão duro para acabar de vez com essa triste lista que condenou milhares de pessoas a um sofrimento desnecessário.



PROFISSIONAIS de saúde sacrificaram os fins de semana para realizar as cirurgias durante os Mutirões da Vida